Política Partida

246 - julho de 2015

Temática

Cinismo, fundamentalismo, o vencido e a amizade: o quarteto do fantástico capitalismo e sua coesão insustentável

Roberto Henrique Amorim de Medeiros

> *"... a razão se degrada em racionalização. A verdade é relegada à relatividade e os homens, ao poder. "*
>
> *(Adorno, 2008, p.57)*

Tá foda viver!

Vo$ê pode comprar uma camiseta com essa frase, por R$ 49,90, em tamanhos P, M, G, GG e baby look, nas cores preta, branca ou cinza, e sair na *polis* se expressando e deixando que sua enunciação se esvaia entre o que foi dito (lido) e o que se escutou (compreendeu) (Lacan, 1972).

A frase tem poder. Poder de gerar identificação, mesmo entre as mais variadas posições subjetivas do brasileiro no discurso que organiza a atualidade de seu viver em sociedade. Mas, por que "está ruim pra todo mundo"? Por que tanta gente em situação social e econômica tão distinta pode usar aquela camiseta sem contradição? (Talvez isso justifique sua apresentação em todos os tamanhos e para dis*tintas* ét(n)icas).

Se uma manifestação política, como o uso público da camiseta, desvela um lugar de sujeito escavado no laço social, resta saber como este se organiza e o que acontece em seu contexto para gerar tamanho mal estar sobre(o)viver?

Um laço social pode ser estudado pelo conceito de discurso. Tal conceito leva a conceber um modo de usar a linguagem como liame entre os seres falantes. Entretanto, o que organiza os modos de vinculação entre sujeitos não são palavras, mas um conjunto de relações compartilhadas pelos elementos de uma estrutura social. Um discurso é o que organiza os modos de trabalhar, de desejar e a própria linguagem.

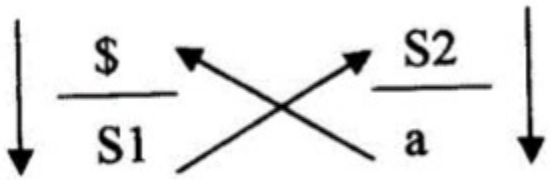
O discurso em questão, indubitavelmente, é o do capitalismo, que se mantém há mais de 700 anos, embora em diferentes apresentações no decorrer dos séculos. O que acontece em seu contexto atual é o mal estar generalizado, também em diferentes apresentações, como se sabe e se sente. O que não se sabe tão claramente é como se sustenta, se atualmente é insustentável e como reproduz sua racionalidade, para explicar como alguns de seus maiores defensores são os menos favorecidos por seu sistema?

Este ensaio é fruto do exercício de reflexão pessoal, não exaustiva, disparada já há algum tempo pelo meu interesse acerca das grandes mobilizações populares ocorridas após uma década do *11 de setembro*, durante uma primavera no mundo árabe. Dentre tanta complexidade presente em verdadeiros acontecimentos, disruptivos da história, um detalhe parecera desconcertante: o reconhecimento explícito, pela comunidade mundial, acerca do fato de que guardiães da democracia do mundo ocidental fossem os próprios patrocinadores dos regimes mais corruptos e totalitários do Oriente Médio. Assim, o que segue é a oferta de um esforço de reflexão com vistas à possibilidade de preservar o potencial de diferenciação do ato crítico sobre a realidade. Uma utopia do sentimento de responsabilização com o viver em coletividade e sua produção de cultura.

Pois bem, se o que organiza o "difícil" viver é da ordem discursiva do capitalismo, em sua forma atual, e se as normas e valores que supostamente estão dando coesão aos vínculos coletivos dentro dele são revogados e invertem-se a todo instante, como se engendram as possibilidades de inscrição subjetiva nesse discurso? Essa fora a primeira pergunta, que levou a outra: que tipo de diálogo se organiza entre os operadores dessa coesão do discurso capitalista? O que, finalmente, levaria a indagar, que operadores seriam esses?

A primeira pista foi fornecida pelo contato com a elaboração de *Cinismo e falência da crítica*, obra do filósofo Vladimir Safatle. A lógica cínica se caracteriza por um tipo de ordenamento cujas proposições já trazem consigo sua antítese, sua inversão, de modo transparente. Na medida em que o capitalismo fragiliza as normas que ele mesmo estrutura para suas instituições e interações sociais, o autor postula o cinismo como categoria maior de análise do tipo de racionalidade estabelecida naquele discurso (Safatle, 2008, p.14). É na dimensão dos atos que se devem procurar as aparentes incongruências do cinismo como racionalidade do laço social.

O jogo dos discursos, entendidos como organizadores de atos em um determinado laço social, foi profundamente trabalhado por Lacan (1969-70/1992), cujo interesse era problematizar a ética da psicanálise ao situar o discurso do analista em sua relação de subversão com o discurso do mestre. Não escapara a Lacan, entretanto, que o mestre é o capitalista e que seu discurso se estrutura da seguinte forma:



O discurso do capitalista, que Lacan (1972) qualifica como destinado a rebentar, não organiza laço social, mas tem nele seus efeitos. O principal deles é apagar os campos simbólicos organizadores de uma cultura, por meio do rechaço da castração. O que está desenhado no discurso é a relação direta do sujeito ($) com os objetos (*a*), que, desse modo, não se constituem mais como causa de desejo, mas objetos de consumo, cujo acesso deve ser irrestrito. Essa relação, ao atravessar e romper a cadeia significante S1 ➔ S2, institui o efeito do gozo pelo consumo que degrada o laço social, onde o sujeito do mal estar emerge, podendo enunciar que está difícil de viver, mas não conseguindo formular uma pergunta sobre si mesmo. Seria isso o patrocinador da falência da crítica, impossibilidade de usar a razão ou um efeito subjetivo da dinâmica de racionalização no discurso capitalista?

Os postulados de Safatle (2008), acerca da impossibilidade de pensamento crítico e do cinismo como categoria adequada para expor os modos de organização interna do capitalismo atual, sintonizam bem com a observação dos fatos no discurso do capitalismo. A crise de legitimação por que passa a sociedade brasileira patrocina muitos exemplos disso. A simpatia pela ideia do retorno da intervenção militar no Estado brasileiro para garantir a democracia é, talvez, sua maior ilustração.

Por outro lado, no âmbito internacional, acompanhamos, anos antes, os rescaldos do *11 de setembro*, em especial a visibilidade espetacular e midiática do ato e da palavra *terrorista*. O terrorista identificado era o fundamentalista religioso islâmico. Fundamentalismo religioso cujo crescimento de representantes na população de países do Oriente Médio datava de pouco mais de trinta anos. As disputas na arena política daqueles países até os anos 70 passavam ao largo da questão religiosa. Curioso perceber que, embora sem a intensidade violenta do fundamentalismo islâmico, o crescimento de seguidores e a representação de evangélicos neopentecostais no Estado e sociedade brasileiros, parecem constituir um mesmo tipo de fenômeno.

Que a radicalização de uma determinada prática produzida pelo acirramento do ato da crença seja uma espécie de subjetivação ou de operação dentro da normatividade do discurso cínico do capitalismo é do que os fenômenos islâmico e evangélico parecem ser exemplares. Ambos, fenômenos de países submetidos historicamente a impossibilidades de modificações políticas, por intervenção externa do capitalismo e seus mestres.

Essas ilustrações não são eficazes em si para o argumento. Servem, porém, como substrato de uma hipótese segundo a qual a falência da crítica, pela ausência de nexo entre a Lei que ordena as formas do viver no capitalismo e sua aplicação que a contradiz no próprio ato, parece implicar nos sujeitos a necessidade de retorno a fundamentos rudimentares de sua cultura. Um tipo de apelo aos mitos primevos como modo de inscrição e resistência no discurso, cujos efeitos, porém, são atos iconoclastas, violentos, odiosos, intolerantes e, o pior, sem razão sustentável. O que pode ser interpretado como se o modo possível de retorno aos fundamentos não possa se dar pela via simbólica. O que parece retonar é o Real do mito.

O fundamentalismo de que se trata aqui, portanto, não se limita ao campo religioso, sua apresentação privilegiada do mito de fundação da cultura. Refere-se mais a uma condição de impotência da razão frente às racionalidades possíveis do discurso do capitalismo, onde a repetição de práticas ritualísticas – trabalhar e comprar, por exemplo – prescinde da subjetividade. Parece não haver mais, inclusive, um nexo necessário entre aquilo que supomos conhecer da ética de uma pessoa ou de um coletivo e de alguns de seus posicionamentos e atos públicos divergentes a ela. Como se o sujeito se dissociasse de seu próprio ato, que passa ao caráter de automatismo (Safatle, 2008; Medeiros, Weinmann & Mano, 2015).

Não é de surpreender que Benjamin (2013) tenha chegado à definição do capitalismo como uma religião com rituais, porém, sem os dogmas. Ao que parece, à racionalidade cínica do capitalismo atual se opõe um tipo de posição conservadora que não se relaciona ao primevo de sua cultura pelo simbólico. Mas por um Real que provoca o crer sem refletir. Há algo de beleza melancólica na posição daquele que se diz hoje um conservador, na medida em que as instituições pelas quais se esforça em preservar não mais existem ou se transformaram em seu oposto.

Não há nesse fundamentalismo hipotético nenhuma posição subjetiva que questione os atos, nenhum apreço pelo pensamento, só há repetição de posicionamentos e de intolerância àquilo que se confronta a suas crenças, das quais não sabe mais de onde vêm.

Essas são algumas das condições que permitem estabelecer um par ordenado de possíveis operadores no discurso do capitalismo:

Cinismo ➔ Fundamentalismo

Com essa escrita define-se uma relação de degradação no discurso do capitalismo. O elemento degradado é o que está à direita: o que se chamou de fundamentalismo, como fenômeno complexo da falência da razão frente à racionalidade cínica.

Há meios de subverter esse par harmoniosamente ordenado? Deve haver. Essa relação elementar não subsistiria sem recalcar ou banir outros operadores. Há mais de uma forma de vida no discurso do capitalismo, os pequenos laços partilhados que justificam condutas distintas da norma discursiva, embora sempre possam vir a reproduzir em alguma medida os efeitos daquela relação fundamental.

Os movimentos que levaram multidões às ruas a partir de 2011, na *primavera árabe*, representam uma sequência lógica à cena do *11 de setembro*, quase dez anos e algumas guerras depois. O Ocidente vira as costas e ao mesmo tempo as câmeras de vigilância para o Oriente Médio. As tentativas de democratização em alguns países não poderiam mais contar com qualquer suporte Ocidental e nem mesmo com seus próprios governantes. Restava àquelas sociedades a conscientização do fracasso de seu intento democrático por um sistema cínico, tendo em vista que os países que sustentam mundialmente a democracia para todos, ao mesmo tempo, patrocinavam seus ditadores. Foi aí que movimentos sociais tão diversos em pautas e projetos de sociedade quanto cada uma das cabeças de seus componentes se fizeram multidão. E a história dos vencidos ganhou alguma visibilidade quando se tornou um pouco mais límpido o que é recalcado no discurso: a vida indigna do excluído. Os movimentos na Tunísia, é digno de não esquecimento, iniciaram pelo sacrifício público de Mohamed Bouazizi, um comerciante humilhado pela polícia nas ruas de Túnis.

Na esteira dos movimentos de multidão da primavera árabe, surgem indignados na Espanha e ocupantes em Wall Street. Os movimentos no Brasil e na América Latina, a partir de 2013, parecem ter seguido a missão de manifestar publicamente a indignidade da vida de uma massa de indivíduos detentores da pequena dignidade que é pensar e resistir no discurso. Dignidade perdida ou jamais conquistada pela maioria da subjetividade fundamentalista no capitalismo, que sairia também às ruas dois anos depois no mesmo país.

Um movimento social, organizado no ponto cego da relação entre Estado, Mercado e sociedade civil, é um vivo documento histórico onde se pode ler a contrapelo os valores circulantes na cultura e o que está excluído do discurso. Guarda em seu inconsciente o potencial de subversão das estruturas cínico-fundamentalistas de manutenção do poder e, por isso, é facilmente criminalizado.

A característica diferencial dos novos movimentos sociais, além de estruturar-se por um projeto claro de sociedade, é estabelecer-se como rede de movimentos onde as causas e pautas distintas encontram traços de ressonâncias suficientes para sua articulação amistosa (Scherer-Warren, 2006; 2008). Podem, entretanto, reproduzir internamente as estruturas hierarquizadas e os dispositivos de exclusão do discurso vigente. Mas guardam como trunfo para a subversão da normatividade que organizam formas dissociadas de vida, a solidariedade e o acolhimento do outro como radical diferença. A relação de operadores cuja existência no discurso se dá em potência, se escreverá desse modo:

A amizade ⇔ O vencido

O vencido como operador de subversão do discurso e a amizade como trunfo para a subversão; daí sua relação recíproca. Uma aproximação do que nessa estrutura constitui o operador *amizade* se encontraria no conceito de hospitalidade de Derrida (2003), cuja essência é o acolhimento do estrangeiro, daquilo que é radicalmente diferente, como na possibilidade de duas línguas distantes entre si dialogarem imediatamente.

Eis os materiais para a construção de um dispositivo de pesquisa que possa auxiliar a tentativa de responder futuramente às perguntas formuladas neste ensaio, propostas a partir da curiosidade sobre a consistência de um discurso insustentável (Lacan, 1972), como o do capitalista.

O reconhecimento do cinismo como racionalidade do discurso capitalista constitui uma fragmentação conceitual da estrutura, o que foi levado adiante neste ensaio a partir das observações sobre os acontecimentos e modos de vida na cultura contemporânea. Portanto, não parece inadequado justificar sobre a lógica iterativa da produção geométrica do fractal, em que cada quebra da estrutura produz outra estrutura semelhante, a utilização da forma e da operação dos quatro discursos lacanianos (Lacan, 1969-70/1992) para montar a estrutura dos operadores de coesão do discurso do capitalismo. Tal como na fórmula lacaniana, teremos posições e elementos covariantes, de onde devem surgir os efeitos da coesão.

Os operadores são, portanto:

Cinismo: racionalidade antitética, produtora de imagens híbridas na cultura, sem essência, semblantes.

Fundamentalismo: retorno aos rudimentos, intolerância, repetição automática, sem reflexão.

O vencido: o excluído da história, alienado do discurso.

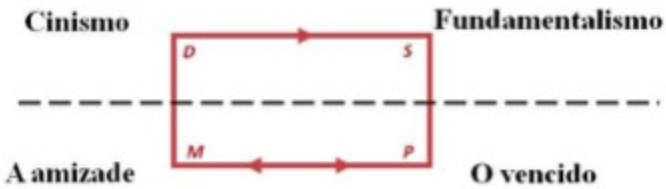
A amizade: a solidariedade em potência.

As quatro posições são:

O que está acima da barra mostra a relação entre operadores do discurso em dado momento. A posição *dominante* é a que tensiona, instabiliza e convoca à produção de uma posição *subdominante* na tônica do discurso. Representa, assim, o que organizaria os atos e a produção de imagens e subjetividades na cultura capitalista. Esta relação é o que faz função de manter a aparente harmonia do discurso.

Harmonia dita aparente, pois o que está abaixo da barra representa o potencial de subverter a lógica interna do discurso ou de coabita-lo como resistência (é o que está no inconsciente do discurso e que pode transformá-lo). A *potência*, entretanto, necessita ativar a relação com o que esteja *morto* no discurso para produção de novas formas de vida. Tanto o sentido do que é inativo, como o sentido de trunfo, servem à definição do lugar do *morto*.

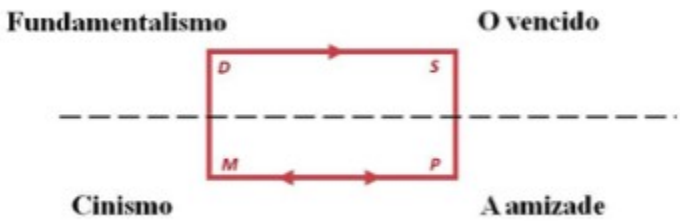
São quatro as possibilidades de covariação dos operadores. A primeira estrutura é da *forma de vida cínica* do discurso do capitalismo, estabelecida conforme o que fora desenvolvido até aqui:



O cinismo como operador dominante do discurso do capitalismo, promotor da Lei que contém em si sua antítese e impede a reação crítica, aciona a regressão das formas de vida coletiva: o fundamentalismo como retorno aos rudimentos da cultura, tribalismo, e intolerância. A falência ou empobrecimento da reflexão obtura a possibilidade de diálogo e diversidade no espaço político. Caráter normativo é autoritário. O efeito da relação social resultante se rege pelo imaginário, paranoico, de uma grupalidade segregacionista. O que fica recalcado, abaixo da barra, é o vencido. Excluído do discurso, é aquilo cuja história não é contada nem contábil e cujo modo de vida é invisível. A subversão em potencial ao discurso vem do vencido se articulado à amizade. Este é o trunfo que se encontra barrado nesse discurso.

As relações de conversa pelas redes sociais, que possibilitaram a troca de ideias e foram determinantes ao sucesso da organização das multidões para os protestos iniciados em 2011 pelo mundo, revelaram, de forma oposta, a impossibilidade de diálogo, bem pouco tempo depois, na experiência brasileira durante as últimas eleições nacionais e que se estende até hoje na arena púbica. A intolerância dá o tom das discussões entre os olhares diferentes sobre a vida impedindo diálogos que apostassem num projeto de sociedade minimamente compartilhado. Possibilidades de reflexão crítica degradam-se facilmente em enunciados de ódio e exclusão sustentados em argumentos irrefletidos, reproduzidos automaticamente como palavras de ordem de alguma ideologia. Os modos de vida não sintônicos ao discurso vigente são ironizados ou criminalizados e, fora de uma organização em movimentos sociais de base, não conseguem encontrar lugar numa normatividade na qual pensar com o outro e colaborar ao invés de competir não parece fazer sentido.

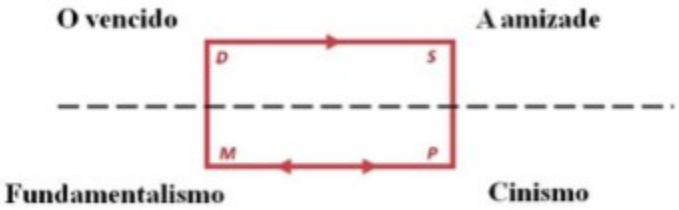
O giro de ¼ de volta desenha a estrutura da *forma de vida fundamentalista*, segundo os termos desse ensaio:



Talvez seja a forma menos promissora de consistência interna do discurso do capitalismo. O tensionamento pela intolerância autoritária e impossibilidade de diálogo e reflexão reproduz o vencido. Neste caso, o vencido não é mais potencial de subversão, mas pode se tornar um modo degradado como o que funda o ato terrorista. A forma de vida fundamentalista é radicalmente irracional, na medida em que mesmo a racionalidade cínica encontra-se barrada. O potencial de subversão da amizade, podendo contar com o cinismo, resultaria apenas em formas cordiais de relação, o que constitui uma saída pela hipocrisia.

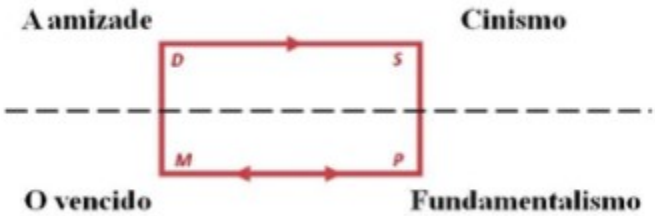
O dispositivo traz, hipoteticamente, mais duas possibilidades de esferas de interação no capitalismo. Cada um dos dois giros ainda possíveis traz para a posição dominante os operadores barrados na origem da estrutura de coesão interna do discurso do capitalismo. O que segue, portanto, são propostas lógicas a serem verificadas e estudadas como potenciais ao discurso vigente.

Viver sob a *forma d'O vencido* consistiria na estrutura:



O vencido como dominante aciona a amizade que se reproduz na forma da solidariedade e abertura ao outro. É o que organiza modos de vida colaborativos no contexto do capital. O risco de subversão desse modo está na articulação da racionalidade cínica com o recurso da intolerância à diferença. Importante perceber que o potencial cínico esteja presente na forma d'O vencido. Não há, portanto, possibilidade de interpretação maniqueísta nessas estruturas. Tudo está ali, em potencial. Resta pesquisar quais formas de vida no capitalismo se traduzem pela forma d'O vencido e como tem sido seu modo de operar no laço social.

Finalmente, teremos a normatividade da *forma d'Amizade*:



Possível produtor de formas de vida solidárias no discurso, porém, sem contar com o trunfo do vencido que se encontra barrado à amizade na estrutura. Essa condição ordenaria relações pautadas pelo cinismo no discurso do capital. Seria essa a estrutura expressiva do brasileiro como homem cordial e da sua indiferença nos usos e costumes com aquilo que é do público ou do privado? O primitivismo das relações amistosas com o apoio no trunfo da condição do excluído subverte a amizade como lógica normativa. A polêmica em curso em torno da condução das políticas públicas brasileiras de proteção às famílias em situação de vulnerabilidade social, que divide a população pelo dilema em decidir se o peixe deve ser dado ou a pesca ensinada, parece uma expressão do potencial subversivo ativo na justificação normativa da forma d'Amizade.

As fórmulas para a pesquisa e crítica acerca da fantástica coesão do discurso do capitalista, por articulação de seu quarteto operacional, é a segunda oferta deste ensaio. A primeira fora a camiseta, mencionada no início. Dois oferecimentos de produtos para lidar com a dificuldade de estar num mundo que se engendra pela lógica do modo de produção capitalista. Mas, que não passe despercebido, o capitalismo transforma tudo em mercadoria com muita facilidade; e mercadoria defasa... ou apodrece.

Aceita-se escambo.

Referências Bibliográficas:

ADORNO, T.W. *Minima moralia: reflexões a partir da vida lesada.* Trad. Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

BENJAMIN, W. *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.

DERRIDA, J. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. Trad. Antônio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

LACAN, J. *Conferência de Lacan em Milão em 12 de maio de 1972* – parte 2 trad. Sandra Regina Felgueiras. Disponível em http://trilhar.org/2015/03/25/conferencia-de-lacan-em-milao-em-12-de-maio-de-1972-parte-2-traducao-de-sandra-regina-felgueiras/ (acesso em 28/06/2015).

LACAN, J. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*, 1969-1970. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

MEDEIROS, R.H.A.; WEINMANN, A.O.; MANO, G.C.M. A paixão pelo autômato: a clínica para o cuidado em saúde no templo da tecnologia. *Physis*. No prelo 2015.

SAFATLE, V. *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.

SCHERER-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n.1, 2006.

SCHERER-WARREN, I. Redes de movimentos sociais na América latina: caminhos para uma política emancipatória? *Cad. CRH*, Salvador, v.21, n.54, 2008.

Autor: Roberto Henrique Amorim de Medeiros

* Roberto Henrique Amorim de Medeiros é psicanalista, professor adjunto do curso de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.